

## **PROFESSORES DE GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: reflexões iniciais**

Antônio Carlos Freire Sampaio, Adriany de Ávila Melo Sampaio, Rosana de Ávila Silveira

Laboratório de Geografia e Educação Popular – LAGEPOP, Instituto de Geografia-IG, Universidade Federal de Uberlândia-UFU, e Instituto Federal do Triângulo Mineiro - IFTM, acfsampa@uol.com.br, adrianyavila@gmail.com, rosanasilveira@iftm.edu.br

### **Resumo:**

Este texto apresenta alguns dados sobre como o professor de Geografia percebe a Educação Ambiental. Estas informações fazem parte do Projeto “Perfil do Professor de Geografia”, desenvolvida pelo Laboratório de Geografia e Educação Popular - LAGEPOP do Instituto de Geografia - IG da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, realizado entre maio de 2013 e 2017, com o apoio da FAPEMIG, Edital 01/2012 Demanda Universal, e com a colaboração dos Pesquisadores: Terezinha Tomaz de Oliveira, Wellington Wagner de Souza, Roberta Afonso Wagner de Souza, Célia Ferreira dos Reis, Denaíse Esteves de Lima Cunha, Humberto Teixeira entre outros. Foram coletados dados de 113 professores de Geografia do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e do Ensino Médio das Escolas das redes públicas de Uberlândia, Uberaba, Araguari, Campo Florido e Prata, no Estado de Minas Gerais, buscando informações sobre sua formação inicial e continuada, quais recursos estavam sendo utilizados em sala de aula; tempo de profissão, sua metodologia de ensino, sua participação da elaboração do programa de Geografia da sua escola, se usava tecnologias como computadores e internet, e sobre a Educação Ambiental na escola, entre outras questões.

**Palavras-chave:** formação continuada, domínio de conteúdo, rede pública.

### **1. Introdução**

O professor de Geografia tem a importante tarefa de ensinar os conteúdos presentes no currículo, tais como compreender o lugar, a paisagem, o território e a região, necessárias para a formação do estudante como um cidadão que vive em sociedade, que estuda e que trabalha, ou que irá trabalhar e estar consciente de seus direitos e deveres.

(...) as diferentes paisagens existentes na superfície da Terra seriam marcadas pelos processos históricos, produtos dessa interação homem-natureza. O que implica dizer que as mesmas mudam na medida em que mudam os grupos humanos, a sociedade e o espaço construído por esta. (...)  
São portanto essas grandes transformações, aceleradas nas últimas décadas, que obrigam a Geografia a buscar novos caminhos para a compreensão do mundo. (FUSCALDO, 1999, p.108-109).

E para compreender o mundo, a Questão Ambiental é um dos conteúdos que a Geografia precisa trabalhar em sala de aula. Mas, como ocorre esse ensino? Os estudantes estão realmente aprendendo? Trata-se de um tema interessante para estudantes e professores? O Professor de Geografia está trabalhando a Questão Ambiental na Escola com facilidade? Ou tem dúvidas? Estas e outras questões foram trazidas pela pesquisa sobre o perfil do professor de Geografia na rede pública de ensino realizada por meio de questionários em diversas escolas do Ensino

Fundamental II, e do Ensino Médio, da Rede Pública Estadual e Municipal das cidades de Araguari, Campo Florido, Prata, Uberaba e Uberlândia, no Estado de Minas Gerais.

A pesquisa tinha como objetivo principal conhecer um pouco da realidade do profissional que atua na sala de aula, identificando sua prática, os materiais que utilizava, suas facilidades e dificuldades perante os conteúdos.

A pesquisa sobre o Perfil do Professor de Geografia (SAMPAIO, 2012) foi realizado entre 2013 a 2017, com o objetivo de conhecer a realidade dos professores. Para isso foram buscados docentes de Geografia da Rede Pública do Ensino Fundamental II (6º ao 9º anos), e os do Ensino Médio, com aplicação de questionário composto por 35 questões, entre elas a Pergunta sobre como estava a Educação Ambiental.

### **Conceituando a Educação Ambiental**

O ensino de Geografia e a Educação Ambiental estão diretamente ligados. É preciso problematizar as representações do meio ambiente de diferentes grupos sociais, permitindo aos alunos desvendar outras percepções de natureza para que se tornem agentes transformadores na sociedade. (FURLAN, 2014, p.01)

Tida como uma dimensão prática e teórica da educação, a Educação Ambiental - EA, vem sendo considerada atualmente uma das ferramentas mais eficazes para a solução dos nossos problemas contemporâneos relacionados ao uso desenfreado dos recursos da naturais e do nosso estilo de sociedade, marcada pelo consumismo.

Durante muito tempo, todavia, a Educação Ambiental, não foi utilizada ou mesmo citada. As ações humanas eram limitadas a pequenos espaços, e a própria população era pequena, se comparada a de hoje. Todavia, à medida que a sociedade se desenvolveu e cresceu, o uso do ambiente se intensificou, e por conseguinte, sua degradação.

Conceito amplo, diverso e complexo ao mesmo tempo, a Educação Ambiental, independente da ideologia a ela empregada, é um termo que remete a ideia de um mundo em crise, em sofrimento, o reflete diretamente nas pessoas que o habitam.

Essas questões nos levam a pensar que as escolas possuem um papel de responsabilidade quanto à produção de conhecimento, através de pequenas pesquisas, que possibilitem aos educandos uma postura crítica e criativa diante da realidade vivenciada pelos próprios produtores do conhecimento. A desmitificação de conceitos poderia ser uma das prioridades, ao contrário de práticas muito comuns, como a repetição de jargões do tipo "Amazônia pulmão do mundo" ou mesmo a afirmação de conceitos sobre aspectos da natureza que nem ao menos foram sentidos ou vivenciados, como a relação

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

entre os diversos tipos de materiais e a variação de temperatura. (SANSOLO, 2000, p.138-139)

Conceitualmente, a Educação Ambiental é vista como uma atividade formadora de valores, já que se trata de prática social que busca imprimir ao indivíduo um caráter social e moral em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos.

Historicamente há muito o que ser discutido, pois o próprio termo Educação Ambiental é uma construção social.

Concomitantemente ao agravamento da crise ambiental o mundo ingressa, a partir dos anos oitenta, em uma nova etapa do processo de desenvolvimento desigual e combinado, marcada pelo fenômeno da globalização. Momento no qual a economia se mundializa, o processo de urbanização carrega-se de novas tintas, com a expansão tecnológica que amplia o poder da circulação de bens e informações, tanto quanto dos fluxos financeiros e migratórios, da pesquisa e do desenvolvimento científico. É nesse contexto que a temática da EA torna-se mais evidente, vide as transformações e reformas curriculares e pedagógicas ocorridas em alguns países, inclusive no Brasil, onde o tema meio ambiente é contemplado. (FUSCALDO, 1999, p.108).

Furlan (2014) sugere cinco possibilidades de se trabalhar a Educação Ambiental na Geografia: 1. As contradições sociais e seus reflexos no ambiente urbano, 2. Estudo de temas socioambientais e formação de sujeitos críticos, 3. Diferentes concepções sobre a natureza geram conflitos, 4. Aulas que provoquem reflexões e novos entendimentos sobre o mundo, e 5. Problemas ambientais influenciam novas formas de ensinar Geografia.

Sobre as contradições sociais e seus reflexos no ambiente urbano, as cidades trazem em si várias contradições, e quanto mais populosa for, maiores serão suas questões socioambientais. Por exemplo, São Paulo, a maior cidade brasileira, com parques arborizados, prédios residenciais e comerciais com arquitetura inovadora, grandes redes de supermercados, entre outras ostentações da riqueza. Mas também apresenta seu outro lado de miséria, de vidas humanas em situações de muita precariedade, com rios poluídos, e favelas. Evidentemente que as áreas rurais também apresentam problemas ambientais, e dependendo do nível de uso e da quantidade de implementos químicos, inseticidas, dejetos escoados, entre outros usos, o ambiente rural pode estar muito comprometido com sua qualidade ambiental.

Sobre a questão de que o Estudo de temas socioambientais estimula a formação de sujeitos críticos, pode-se afirmar que a análise de diferentes situações no próprio ambiente onde vive, e em outros locais leva a um maior entendimento do mundo. E esse entendimento pode ser usado em diferentes situações da vida cotidiana, inclusive nos colocando para repensar a forma como vivemos em casa, na rua, na escola e no mundo com um todo.

Um balanço das questões socioambientais da atualidade nos leva a exigir uma forma nova de viver, que vá além dos elos comerciais e dos fluxos de capital. Uma simultaneidade entre solidariedade e equidade é o que se espera de uma formação ambiental.

As questões que envolvem os conflitos territoriais (...) demonstram que as relações dos indivíduos e das sociedades com a natureza variam nos diferentes momentos históricos e nos diversos grupos sociais. (FURLAN, 2014, 02)

Se comprometer com a Questão Ambiental é se comprometer com o mundo, com as pessoas que aqui vivem. Isso exige, de todos, maior respeito, maior atenção com todos os seres vivos e também com que aparentemente não tenha vida mas que é parte do todo vivo, como por exemplo as rochas, o solo, o ar, a água. Todos eles juntos são necessários para que a vida esteja plena no ambiente.

Realmente existem diferentes concepções sobre a natureza, e isso gera conflito, o que pode ser visto todos os dias nos canais de comunicação. Uma mesma mata pode ser olhada como lugar de tranquilidade, lazer para contemplar a natureza, os animais que ali vivem, como reserva do patrimônio natural, como proteção dos mananciais de água, como lugar que gera subsistência de famílias, entre outros usos que dependem da mata intacta. Um outro olhar poderia ser o de uma empresa de minério que olha para a mata como obstáculo para a mineração do material que está no solo, e para isso deseja desmatar. Apenas duas concepções e já haverá um conflito pelo direito à exploração, ou à proteção, deste recurso natural.

As disputas territoriais resultantes de diferentes visões de natureza estão em muitas situações que podem ser estudadas para que os alunos participem dos destinos de suas territorialidades. Isso mostra que estudar Geografia e questões ambientais é um entrelaçamento complexo, abrangente e que questiona os modelos de ocupação e apropriação da natureza pelas sociedades, as relações entre os homens e os modelos políticos e econômicos. Nenhuma questão com essa dimensão globalizante desenrola-se consensualmente. Estão em cena os modelos sociais, econômicos, políticos e existenciais e é por isso mesmo que os entendimentos, as interpretações, os posicionamentos e as ações resultam em diferenças, conflitos e controvérsias. (FURLAN, 2014, 02)

As aulas de Geografia precisam provocar reflexões e novos entendimentos sobre o mundo. Entender as questões socioambientais nos exige um pensamento mais abrangente, mais complexo, que esteja aberto a diferentes olhares, à diferentes preocupações e interesses. O Ambiente é um todo, e ao compartimentá-lo para melhor entendê-lo, abandona-se a totalidade, e conseqüentemente perde-se a compreensão integral, pois será sempre a análise de uma parte de um todo que é complexo. Por isso o melhor seria que a visão passada em sala de aula não fosse reducionista, o que é uma tarefa difícil, mas necessária. Precisamos nos cuidar para que

(...) o ensino através da pesquisa geográfica (...), ou seja, de uma leitura elaborada pelos próprios educandos. Leitura esta voltada à construção de valores necessários à promoção da cidadania e mais especificamente à gestão do espaço geográfico e do meio ambiente de forma participativa. (SANSOLO, 2000, p.139)

Problemas ambientais influenciam novas formas de ensinar Geografia? Sim, pois a cada nova situação os professores buscam por novas formas de entender e de explicar o acontecimento. O desastre ambiental

que ocorreu em Mariana, Minas Gerais em 2015, levou vários pesquisadores a buscarem explicações científicas para a tragédia, e como ela poderia ter sido evitada. Os professores tiveram que explicar em suas aulas, e para isso utilizaram vídeos, fotos, áudios, fizeram trabalhos de campo, montaram outros vídeos, e outros áudios. A cada novo evento os professores são convidados e repensar suas formas de questionar e interpretar o mundo.

### **Os sujeitos da pesquisa**

A pesquisa contou com a participação de: 72 Professores de Uberlândia, 32 em Uberaba, quatro em Campo Florido; quatro em Araguari; e um em Prata, no Estado de Minas Gerais.

Durante a Pesquisa foram visitadas 57 escolas, sendo 37 em Uberlândia, 16 em Uberaba, duas em Araguari, uma escola em Campo Florido, e uma escola em Prata. Destas, a maioria foram Escolas Estaduais, sendo que apenas sete escolas em Uberlândia eram Municipais.

Dos 72 professores em Uberlândia, MG, 34 eram homens, 36 mulheres e dois professores que não se identificaram. Em Uberaba, MG, foram entrevistados 32 professores, sendo 22 mulheres, 09 homens e um professor que não quis se identificar. Em Araguari, MG, foram entrevistados três homens e uma mulher atuando como professores de Geografia. Em Campo Florido, MG, foram entrevistados 04 professores, sendo três mulheres e um homem. Em Prata, MG foi entrevistada uma professora.

Observando os dados, nota-se que 55,8% dos professoras entrevistados eram mulheres, e 41,6% homens, sendo que 2,7% não quiseram se identificar em relação ao gênero masculino ou feminino.

A maioria dos Professores de Geografia atuantes em de aula tem mais de 41 anos, totalizando 46,9%, seguidos por 33,6% que tem entre 31 e 40 anos, sendo que 13,3% tem entre 20 e 30 anos, e 6,2% não quis responder sobre a idade. Estes dados demonstram que há uma maior tendência a professores mais velhos e mais experientes.

Em relação à formação universitária, 98,2% dos Professores possuíam Licenciatura Plena em Geografia, sendo 71 dos 72 Professores em Uberlândia, e 31 dos 32 em Uberaba. Em Araguari, Campo Florido e Prata também todos os Professores pesquisados tem a formação.

Sobre a Pós-graduação, 72,6% dos professores possuíam Especialização, e até Mestrado. Estes cursos foram procurados por diversos motivos, dentre eles a melhora da qualificação profissional, e a ampliação do conhecimento.

A maioria dos Professores que cursaram uma Pós - Graduação justificou ser importante fazer outros cursos após a graduação para aprimorar os conhecimentos, manter-se sempre atualizado,

e pelo crescimento profissional. Afirmou-se também que houve mudanças positivas em relação à sua prática após a realização dos cursos, principalmente na forma de ministrar as aulas.

Entre os que não fizeram cursos de Pós - Graduação, estes declararam que os principais motivos foram: a falta de tempo e de recursos financeiros disponíveis.

Sobre a situação trabalhista dos Professores de Geografia Pesquisados nas escolas públicas dos Municípios de Araguari, Campo Florido, Prata, Uberlândia, e Uberaba, MG, os dados mostraram que a maioria estava contratada, com 54,9%, e, apenas, 41,6% de concursados, e 3,5% não informaram. Isso significa, entre outras questões, que os Professores estavam em situação precária de trabalho, tendo que buscar sempre uma nova designação, que pode ser de alguns meses, ou no máximo um ano.

A falta de vínculo com a escola não permite que se façam planos, a médio e longo prazo, voltados para a escola, uma vez que o cargo é provisório.

Conforme dados levantados, quase 30% dos 113 Professores declararam trabalhar em mais de uma Escola. Em Uberlândia são 23,6%, e em Uberaba chega a 40,6% lecionando em mais de uma instituição. Também afirmaram que sua forma de trabalho era diferenciada de uma escola para outra, principalmente por ministrarem aulas em turmas de Ensino Fundamental I (atual 1º ao 5º anos), ou II (atual 6º ao 9º anos), ou em turmas da Educação de Jovens e Adultos - EJA. Além de lecionarem em mais de uma escola, também lecionavam para várias turmas, sendo que a maioria lecionava entre seis e nove turmas, com 54,9% dos professores. Apenas 27,4% lecionava em menos de 5 turmas, e um grupo de 5,3% em mais de 15 turmas.

Em Uberlândia 100% dos Professores entrevistados lecionam para o Ensino Fundamental e destes, 22,1% também para o Ensino Médio. Em Uberaba, 81,2% lecionavam para o Ensino Fundamental, e 62,5% destes também para o Ensino Médio. Em Campo Florido, Araguari, e Prata os/as professoras lecionavam para o Ensino Fundamental e Médio.

Dos 113 Professores pesquisados, 23,3% lecionavam mais de 21 horas semanais, o que também implica em precariedade do trabalho docente, pois o excesso de horas em sala de aula implica em menos tempo de estudos e preparação de aulas, entre outras questões.

### **Avaliação dos Professores de Geografia sobre o trabalho com a Educação Ambiental**

Na cidade do Prata, a professora entrevistada possuía Especialização em Ensino de Geografia, e disse não ter dificuldades com a Educação Ambiental porque: “Trago recursos e os alunos gostam desse tema.” (PRAT01)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> PRAT01: Professor da cidade do Prata, entrevistado número 01.

Em Campo Florido todos os quatro professores pesquisados possuíam Especialização em Educação Ambiental. E declararam que fizeram esta pós graduação porque desejavam se aprofundar nessa temática, como por exemplo o PCAF01<sup>2</sup> que informou ser seu objetivo a “Melhoria do conhecimento, aperfeiçoamento e plano de carreira. [E também] para ministrar as aulas com maiores conhecimentos, mais clareza e preparação.”

Todos os quatro professores disseram não ter dificuldades, pois:

“Estudei nessa área e sempre busco me informar sobre o tema” (PCAF02)

“Estou sempre pesquisando, me interagindo com os outros profissionais da área.” (PCAF03)

Em Araguari foram entrevistados quatro professores que também argumentaram não terem dificuldades em trabalhar a Educação Ambiental porque:

“São temas atuais e despertam a curiosidade dos alunos” (PARA03<sup>3</sup>)

“O tema é atrativo e os alunos mostram maior interesse por ele, e sou pós-graduado no conteúdo.” (PARA02, com Especialização em Gestão Ambiental)

Em Uberaba, dos professores de Geografia com pós graduação, nove estavam relacionadas à questão ambiental, sendo sete em Educação Ambiental, um em Geografia Ambiental, e um em Meio Ambiente. Outros oito professores apresentaram pós-graduação fora da área ambiental, como: Geografia do Brasil, Metodologia do Ensino de Geografia, Inclusão Escolar, Metodologia do Ensino superior e Pedagogia Empresarial. E todos responderam que não tinham dificuldade porque:

“Os alunos gostam do tema, [pois] estamos todos envolvidos de alguma maneira com essa questão.” (PUBA16, com Especialização em Educação Ambiental)

“Existe muita matéria no mercado.” (PUBA20, com Especialização em Geografia do Brasil)

“Sempre ligo o assunto com o cotidiano da sociedade.” (PUBA01, sem pós-graduação)

“Não tem dificuldade porque estão muito relacionados ao conteúdo da Geografia”. (PUBA10, sem pós-graduação)

Em Uberlândia, sete professores (9,7%) possuíam Mestrado, sendo cinco em Geografia, um em Educação, e um não quis informar; e doze professores (16,7%) possuíam Especialização na Área Ambiental, sendo cinco em Educação Ambiental, três em Planejamento Ambiental, três

<sup>2</sup> PCAF01- Professor da cidade de Campo Florido, entrevistado número 01.

<sup>3</sup> PARA03- Professor da cidade de Araguari, entrevistado número 03.

em Gestão Ambiental, e um em Gestão de Recursos Hídricos. Outros 37 professores (51,4%) possuíam Pós-Graduação em outras áreas como Ciência da Religião, Geografia Humana, entre outros.

“O meio ambiente está no nosso cotidiano, o que torna o ensino mais agradável.” (PUDI18, sem Pós-Graduação).

“Porque sou bom [nesse tema] e tenho amplo domínio do conhecimento”. (PUDI50<sup>4</sup>, sem Pós-Graduação).

“O meio ambiente está sempre em evidência.” (PUDI47, sem Pós-Graduação).

“Se convive diariamente com o meio ambiente.” (PUDI12, sem Pós-Graduação).

Dos professores de Geografia de Uberlândia com Mestrado, dois disseram que gostam muito do tema da Educação Ambiental, um disse que é um tema cotidiano.

“[Em] todos os temas podem ser trabalhados a questão do meio ambiente”. (PUDI63, com Mestrado em Geografia).

“Acredito que por serem temas que dizem respeito ao cotidiano do aluno, eles demonstram muito interesse pela temática.” (PUDI10, com Mestrado em Geografia).

“Sempre faço cursos de formação continuada nessa área.” (PUDI63, com Mestrado em Geografia).

“Trabalho o tema de forma simples, desde o simples ato de não se jogar lixo no chão da sala de aula, ruas, praças, etc.” (PUDI03, com Especialização em Educação Ambiental).

Dos 113 professores, apenas cinco disseram que tinham dificuldades em ministrar essa temática, o que mostra como o Tema Ambiental é um dos conteúdos mais apreciados pelos professores de Geografia, e como evidenciado, por algumas das respostas apresentadas aqui, há um consenso em relação a tratá-lo com um assunto cotidiano.

Desta forma, pode-se inferir que a Educação Ambiental está sendo discutida em sala de aula, e que estudantes e professores se sentem interessados nesta temática.

### **Considerações Finais**

A Pesquisa sobre o Perfil do professor de Geografia nas Escolas das redes públicas de Uberlândia, Uberaba, Araguari, Campo Florido e Prata mostrou um grupo de Professores com

---

<sup>4</sup> Este professor informou que começou o Mestrado, mas não concluiu.



excelente formação inicial, tendo 111 de 113 professores formados em Geografia. E mais de dois terços com Pós-Graduação. Este resultado evidencia um grande interesse dos Professores em continuar estudando e se aperfeiçoando, o que demonstra o compromisso do professor com sua própria formação, o que reflete diretamente na qualidade do ensino realizado na sala de aula.

Apesar destes excelentes resultados sobre a continuidade da formação, ainda há um terço que não tem pós-graduação. Muitos argumentaram a falta de recursos financeiros e tempo, pois trabalham em mais de uma escola todos os dias. Esta informação leva a um convite para que a universidade pública ainda ofereça mais oportunidades de Cursos de Especialização gratuitos. Outra questão evidenciada pelas respostas dos professores é o pensamento majoritário de que a Educação Ambiental é “fácil” de ser ensinada porque tem relação com o dia-a-dia, e é um tema de interesse comum, com forte presença em jornais e revistas. Todavia, este tipo de pensamento é preocupante, pois há aqui um risco de o tema ambiental ser tratado com superficialidade, considerando muito simples aproveitar os debates sociais atuais e que a própria mídia evidencia. Educação Ambiental não é falar da Reciclagem uma vez por ano, ou da água no dia da “Água”. Tem que ser mais que isso.

Os temas ambientais tratados pela mídia são abordados de forma fragmentada e sem uma reflexão mais complexa, que de fato cause mudanças de comportamentos. Em EA é necessário relacionar todas as questões pois o ambiente é um todo, e a qualidade da água, por exemplo, necessita também da reciclagem dos resíduos, do tipo de inseticida que se usa nas plantações, e muitos outros problemas relacionados.

Essa condição de formação inicial e continuada permite qualidade de ensino, que se apresenta na segurança do professor em lecionar os conteúdos, e se colocar como sujeito da organização da disciplina Geografia.

Outra possibilidade, é que como 98,2% dos professores pesquisados tem a formação em Geografia, os mesmos sintam-se preparados para o debate. Todavia, são reflexões que merecem ser melhor analisadas. E em uma próxima pesquisa seria necessário perguntar aos professores que tipo de Educação Ambiental estamos falando, pois pode ser que ocorra divergências entre os conceitos empregados por cada um.

O que fica evidente nas respostas dos professores é de que a Educação Ambiental está ocorrendo nas escolas, e de que os professores de Geografia, em sua maioria, sentem-se seguros para realizá-la.

## Referências

FURLAN, Sueli. Educação Ambiental e Geografia: reflexão, ensino e prática. **Revista Nova Escola**. 01 de Fevereiro de 2014. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/2023/educacao-ambiental-e-Geografia-reflexao-ensino-e-pratica>. Acessado em 15/05/2018.

FUSCALDO, Wladimir C. A Geografia e a Educação Ambiental. **Geografia**, Londrina, v, 8, n, 2, p. 105-111, jul./dez, 1999

OLIVEIRA, Marlene Macário de; FARIAS, Paulo Sérgio Cunha. Geografia e Educação Ambiental: desafios metodológicos para uma didática reflexiva do espaço na escola. **Geo UERJ**. Ano 11, v.2, n.19, 1º semestre de 2009. p. 161-178.

SAMPAIO, A.A.M. **Projeto Ensino de Geografia no Contexto do Triângulo Mineiro: Diagnóstico da Formação e Atuação Docente nos municípios de Araguari, Campo Florido, Prata, Uberaba e Uberlândia, MG**. Uberlândia, 2012. (mimeo).

SANSOLO, D. G. O Trabalho de Campo e o Ensino de Geografia. **GEOUSP**, N.7, 2000. p. 135-145.